

Cidades

FOLHA DES. PAULO

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Domingo, 24 de abril de 1988 — 2.º caderno — A - 21

Garimpo luta sob as águas do Madeira

FERNANDO GABEIRA
Da Sucursal do Rio

Continuação da primeira página

Apesar de suas constantes viagens, os mergulhadores do sindicato nacional, cuja sede é no Rio, não conseguiram precisar o peso de cada fator na estatística dos mortos. Mas apontam as seguintes causas:

a) desconhecimento do mecanismo de decompressão no trabalho de mergulhar. Muitos morrem fugindo dos troncos que afundam porque não sabem dosar a respiração. Um número considerável morre fora da água, vítima de embolia provocada pelo nitrogênio, que funciona como um gás inerte no corpo, produzindo bolhas;

b) atropelamento por lanchas que circulam na área, assim como envenenamento pela injeção acidental do escapamento do motor dos barcos nos canos de oxigênio que servem aos mergulhadores;

c) finalmente, sabotagem de alguns barcos que atracam na área onde há ouro, enviam seu mergulhador para a chamada "boca de serviço" e cortam várias mangueiras por onde vai o ar para os rivais. Com isso, é preciso voltar rápido à tona e nem todos conseguem se desvincular a tempo.

Num informe produzido em dez dias de observação, no fim do ano passado, Mário Cerveira e Paulo Renato Loques, escreveram:

"Durante nossa permanência de dez dias em Porto Velho (capital de Rondônia) aconteceram 19 acidentes de trabalho. Quatro homens vieram a falecer, antes de termos tempo de tomarmos as providências cabíveis. Quatro homens apresentaram sintomas graves de doença descompressiva na forma neurológica (paralisia dos membros inferiores). Onze homens apresentaram sintomas de doença descompressiva na forma branda (dor aguda e continua nas articulações do corpo). Constatamos também internados no Hospital de Base, setor de neurologia, vários mergulhadores com paralisias diversas. Alguns estão internados há mais de um ano."

Apesar de não ter ainda o número total dos que ficaram paralisados em Rondônia, os mergulhadores fizeram uma síntese de seus relatórios para o espanhol Sebastian Boyer, representante da Organização Internacional do Trabalho que prometeu levar o assunto para um debate fora do Brasil.

Antes disso, foi contatado o ministro Almir Pazzianotto e apresentado a ele um plano de emergência para estancar as mortes no rio Madeira. O plano custaria Cz\$ 5 milhões mas Pazzianotto conseguiu apenas Cz\$ 250 mil o que não deu sequer para começar o trabalho.

Através de um convênio entre o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senai) e a Legião Brasileira de Assistência (LBA) foi conseguida uma câmara que é o equipamento básico para tratar de mergulhadores que não dominam a profissão. Essa câmara simula a pressão do fundo da água e aos poucos vai recompondo a normalidade do organismo.

"Nosso plano de emergência", diz Mário Cerveira, "não é uma coisa complicada. Enviamos mergulhadores do Rio de Janeiro para dar cursos de mergulho, mostrando as maneiras de se evitar os acidentes e instalamos uma câmara flutuante para dar assistência ao pessoal que está indo e vindo do fundo da água."

O terceiro ponto do plano de emergência dependeria de técnicos do governo ou mesmo independentes que pudessem dar aulas de marinhagem, uma vez que grande parte dos acidentes é provocada por uma maneira absurda de navegar ou mesmo de atracar os barcos de forma que o monóxido de carbono

que escapa envenena os mergulhadores.

Para os mergulhadores que querem aplicar o projeto, os custos de manutenção seriam bem menores que os Cz\$ 5 milhões iniciais e ficam até estrangulados em discutir a questão do dinheiro quando tantas vidas estão em jogo.

"Quando estávamos fazendo uma palestra de esclarecimento em Rondônia" — diz um dos relatórios enviados ao ministro Pazzianotto — "adentrou no auditório um garimpeiro dizendo que havia 11 mergulhadores com doenças descompressivas, naquele exato momento. Fomos para o Hospital de Base e, logo após a inauguração da câmara, fomos colocando os homens na câmara e efetuando a inauguração. Dos 11, seis foram tratados e ficaram bons, três fugiram e dois faleceram por falta de assistência pois só havia uma câmara."

Os mergulhadores que trabalham no garimpo do Madeira, a mais ou menos duas horas de distância de Porto Velho, são aproveitados sem nenhum treinamento. O único critério é que sejam fortes e corajosos para enfrentarem os perigos do fundo do rio. Seu pagamento é em forma de comissão. Alguns chegam a ganhar 40%. Em casos de grande êxito um mergulhador pode retirar até um quilo de ouro por dia. Embora o Departamento Regional do Trabalho de Rondônia não tenha catalogado todos, calcula-se que há um número de três mil mergulhadores operando na região. A maioria deles trabalha diretamente com mercúrio e está sujeita a várias doenças, principalmente câncer.

"O Brasil bateu dois recordes mundiais:" — diz o relatório do sindicato — "o mergulho comercial mais profundo (307 metros na Bacia de Campos) e o maior número de operações nos anos 85/86. Infelizmente somos a nação que detém o recorde mundial de acidentes fatais. O responsável por esse último são as mortes no Madeira."

O sindicato pretende pressionar o governo de Rondônia e o ministro do Trabalho pois seu documento, embora tenha sido enviado também para os setores oficiais, indica os dois como responsáveis pela mortandade dos mergulhadores: "Somos os astronautas do planeta água. Instalamos centenas de equipamentos pesados no fundo do mar, trabalhamos e montamos na bacia de Campos o maior parque industrial submarino da América Sul."

Com essas e outras credenciais os mergulhadores brasileiros vão tentar convencer o governo e se dirigir aos que são incorporados selvagemmente à profissão.

"Para podermos salvar as vidas que se perdem todo o dia vamos precisar vencer a desconfiança de alguns garimpeiros. Em muitos casos, teremos de mergulhar no lugar deles e tentar ganhar sua confiança para que aceitem alguns princípios elementares de segurança. Depois disso então tentaremos fazer com que compreendam uma tabela sobre decompressão que é fundamental para quem mergulha."

Enquanto o governo não responde qual a quantia mínima para o plano de emergência, uma das saídas que o sindicato está tentando desenvolver é a formação de um "pool" de empresas particulares que contribua com ele, pelo menos na fase de implantação.

Na realidade, as mortes no rio Madeira até o momento interessaram mais às autoridades internacionais do que às de dentro do Brasil. O 1º Encontro dos Garimpeiros Mergulhadores, realizado em Abunam, Rondônia, em outubro do ano passado, colocou dramaticamente a questão por que os mergulhadores de outras regiões foram para lá e denunciaram o que chamam de método do "absurdo mergulho".



As barrancas do rio Madeira, no Estado de Rondônia, onde o garimpo de mergulho já matou duas mil pessoas